

FRONTEIRAS DO LOCAL: POR UMA LEITURA DE *SI ME PERMITEN HABLAR* NA FRONTEIRA-SUL

Local Borders: by a Reading of *Si me Permiten Hablar* Southern Border

Fronteras Locales: por una Lectura de *Si me Permiten Hablar* en la Frontera Sur

Julia Evelyn Muniz Barreto Guzman*

Resumo: Este trabalho tem como objetivo uma leitura da obra '*Si me permiten hablar...*' testimonio de Domitila, una mujer de las minas de Bolivia (1999) transcrito e organizado pela brasileira Moema Viezzer a partir do conceito de fronteira. Para a leitura, me utilizo de uma metodologia bibliográfica pautada na Crítica biográfica fronteiriça, um estudo centrado nos Estudos Pós-coloniais e Crítico-biográficos. Assim, a partir de minha condição de sujeito que escreve e vive na fronteira proponho fazer uma leitura outra do testemunho de Domitila Chungara, que contemple meu *bios* e lócus permitido por meio da Crítica biográfica fronteiriça.

Palavras-chave: Domitila Chungara, *Si me permiten hablar*, Fronteira, Exterioridade.

Abstract: This paper aims at a reading of the work '*Si me permiten hablar...*' testimonio de Domitila, una mujer de las minas de Bolivia (1999) transcribed and organized by the Brazilian writer Moema Viezzer from the concept of border. For reading, I use a bibliographic methodology based on *Crítica Biográfica Fronteiriça*, a study centered on Postcolonial Studies and Critical-biographical Studies. Thus, from my condition as a subject who writes and lives on the border, I propose to take another reading of Domitila Chungara's testimony, which contemplates my *bios* and locus allowed through the border biographical critique.

Keywords: Domitila Chungara, *Si me permiten hablar*, Border, Exteriority.

Introdução

Penso, escrevo e me inscrevo *a partir de* (Mignolo) um lócus geoistórico específico, o estado de Mato Grosso do Sul, fronteira seca com os países Paraguai e Bolívia. Se as teorias modernas se constituem de uma teorização pensada de uma interioridade imaginária, meu pensamento enquanto intelectual nasce dessa posição fronteiriça é a de “reflexão a partir das margens externas” (MIGNOLO, 2003, p. 09), ou seja, do pensar o mundo a partir de histórias e teorias locais ignorados pelo sistema que separava o mundo entre centro *versus* periferia, trazendo para minha realidade, dessa fronteira porosa, que separa países, mas não pessoas.

Proponho em meu título uma leitura da obra *Si me permiten hablar* na fronteira-Sul, vale lembrar que isso será possível por meio da Crítica Biográfica Fronteiriça. A rubrica Crítica Biográfica Fronteiriça, do teórico Edgar César No-

* Mestranda do Programa de Pós-graduação Mestrado em Estudos de Linguagens – UFMS – E-mail: juhuzman@gmail.com.

Resúmen: El objetivo de este trabajo es una lectura de la obra ‘Si me permite hablar...’ testimonio de Domitila, una mujer de Bolivia (1999) transcrita y organizada por la brasileña Moema Viezzer desde el concepto de frontera. Para la lectura, utilizo una metodología bibliográfica basada en la Crítica biográfica fronteriza, un estudio centrado en Estudios poscoloniales y Crítico-biográficos. Por lo tanto, desde mi condición de sujeto que escribe y vive en la frontera, propongo una lectura otra del testimonio de Domitila Chungara, que contempla mi *bios* y locus permitidos a través de la crítica biográfica fronteriza.

Palabras clave: Domitila Chungara, *Si me permiten hablar*, Frontera, Exterioridad.

lasco, é o que pode ser entendido pela junção do (bios=vida + lócus=lugar), ou seja, biolócus. Assim, toda a reflexão crítica é pautada no que faz parte da vida do “objeto” de estudo e do crítico que desenvolve a pesquisa. No que diz respeito ao lócus, leva-se em conta o lugar em que a reflexão emerge. Acredito que somente por meio dessa leitura de base biográfica fronteriza que meu trabalho e teorizações poderão ser compreendidos:

Desde o título deste livro, *Perto do coração selvagem da crítica fronteriza*, já se tem sinalizado que uma crítica de natureza *fronteriza* constrói-se com base num lugar *ex-cêntrico*, isto é, fora do centro, à margem. Aliás, é essa condição que vai permitir que se estruture toda uma teoria específica dessa crítica. (NOLASCO, 2013, p. 70)

A crítica biográfica da fronteira reage para que os conhecimentos e as enunciações locais sejam reorganizados e caminham de um “dentro” para “fora”, “do Primeiro para o Terceiro Mundo, reivindicando a legitimidade da localização filosófica (MIGNOLO), da localização epistemológica específica da fronteira” (NOLASCO, 2013, p. 76). Nolasco afirma:

Dessa forma, a crítica *fronteriza* articulada das histórias locais tem o poder de barrar aqueles discursos críticos acadêmicos e científicos articulados nos grandes centros mais desenvolvidos em todos os sentidos (econômico, tecnológico etc.). (NOLASCO, 2013, p. 78)

Minha posição de sujeito fronterizo que vive na fronteira em meio às

trocas constantes faz de mim esse indivíduo sujeito formado de várias partes “precipitado de escavações e mergulhos de outros em mim.” (PESSANHA. 2018, p. 114). A obra *Recusa do não-lugar* (2018) de Juliano Garcia Pessanha, nos leva a refletir no ser humano como um ser vazio, que se preenche a partir de visitas de hóspedes duradouros durante sua vida:

Nesse sentido, a fronteira-sul, enquanto um lugar da legalidade e da ilegalidade, do contrabando e do atravessamento, por onde transitam turistas, andariegos, sul-mato-grossenses, bolivianos e paraguaios, entre outros *divíduos*, funda o que aqui vimos chamando de *exterioridade*. (NOLASCO, Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 93)

Como estofa dessa conversa proposta me valho da obra “*Si me permiten hablar...*” testimonio de Domitila, una mujer de las minas de Bolivia” (1999), da escritora brasileira Moema Viezzer. A obra é o resultado da transcrição e organização de entrevistas formais e conversas entre a boliviana Domitila Barrios de Chungara e a brasileira Moema Viezzer:

É o resultado de numerosas entrevistas que tive com ela no México e na Bolívia, de suas intervenções, conversas e diálogos [...]. Todo o material gravado, como também alguma correspondência escrita, foi ordenado e posteriormente revisado com Domitila, dando lugar ao presente testemunho (VIEZZER, 1999, p. 1-2)¹

O encontro entre as duas mulheres aconteceu no ano de 1975 na Tribuna do Ano Internacional da Mulher, organizada pelas Nações Unidas no México. Domitila Chungara foi representando o “Comitê de Donas de casa da Século XX”, um comitê que reúne as esposas dos trabalhadores mineiros da Século XX (centro produtor de estanho):

A ideia do presente testemunho surgiu da presença de Domitila Barrios de Chungara na Tribuna do Ano Internacional da Mulher, organizada pelas Nações Unidas e realizada no México, em 1975. Ali conheci esta mulher dos Andes bolivianos, esposa de um trabalhador mineiro, mãe de sete filhos, quem chegou na Tribuna em representação do “Comitê de Donas de casa do Século XX”, organização que agrupa as esposas dos trabalhadores daquele centro produtor de estanho. Seus anos de luta e o reconhecimento da autenticidade de seu compromisso lhe renderam receber um convite oficial das Nações Unidas para estar presente naquele evento. Única mulher da classe trabalhadora que participou ativamente naquela Tribuna em representação da Bolívia, suas intervenções produziram um profundo impacto entre os presentes. Isso se deu em grande parte, a que “Domitila viveu o que outros falaram”, segundo um comentário de uma jornalista sueca. (VIEZZER, 1999, p. 01)²

¹ Es el resultado de numerosas entrevistas que tuve con ella en México y en Bolivia, de sus intervenciones en la Tribuna, así como también de exposiciones, charlas y diálogos [...]. Todo ese material grabado, como también alguna correspondencia escrita, fue ordenado y posteriormente revisado con Domitila, dando lugar al presente testimonio. (tradução livre).

² La idea del presente testimonio surgió de la presencia de Domitila Barrios de Chungara en la Tribuna del Año Internacional de la Mujer, organizada por las Naciones Unidas y realizada en

A boliviana era a única representante da classe trabalhadora e o impacto de suas intervenções durante a Tribuna chamou a atenção da brasileira Moema Viezzer e dos demais presentes. Esse impacto fez com que despertasse na brasileira o desejo de organizar esse relato, considerando o relato de Domitila como a voz do povo boliviano que sofreu e ainda sofre por meio de diversas formas de exploração. O contexto da obra está a princípio centrado no cotidiano dos mineiros do acampamento Século XX e de suas famílias. No decorrer da narrativa, o que se destaca é a luta pelo direito do povo por meio da participação de Domitila Chungara no Comitê das Donas de Casa. Ademais, o que vemos é a denúncia política, econômica e social que a boliviana faz do governo de sua época. O testemunho narrado, como a própria Domitila nos alerta, não é uma história pessoal, mas uma experiência vivida por muitos bolivianos, tornando-se assim um testemunho de âmbito coletivo, que caracteriza e identifica esse povo:

A história que vou relatar não quero em nenhum momento que a interpretem somente como um problema pessoal. Porque penso que minha vida está relacionada com meu povo. O que passou comigo, pode haver passado a centenas de pessoas em meu país. (VIEZZER. 1999, p. 1-2)³

Domitila Chungara não relata apenas o cotidiano dos mineiros e de suas famílias, mas a urgência de denunciar a experiência traumática do regime ditatorial do general Barrientos Ortuño (1964 -1965;1966 -1969), e nos anos seguintes do general Bánzer Suárez (1971 - 1978). A boliviana denunciou acontecimentos sofridos por seu povo e em uma dessas passagens ela narrou a real situação dos mineiros enquanto a COMIBOL (Corporação Mineira de Bolívia) organizou um evento com o tema “Rearmamento Moral” integrado por intelectuais, esportistas e artista de as nacionalidades:

Eu me lembro que, em 1969, os dirigentes enfrentaram uma decisão tomada pelo governo. A COMIBOL dizia que não tinha dinheiro para mandar medicamentos ao hospital. E havia uma terrível epidemia de gripe, de diarreia, de tudo. Não havia remédio para as crianças. E a COMIBOL contratou, nesses dias um grupo de artistas internacionais, com japoneses, norte-americanos, africanos, etc., para dar uns espetáculos nas minas. Os que

México, en 1975. Allí conocí a esta mujer de los Andes bolivianos, esposa de un trabajador minero, madre de siete hijos, quien llegó a la Tribuna en representación del “Comité de Amas de Casa de Siglo XX”, organización que agrupa a las esposas de los trabajadores de aquel centro productor de estaño. Sus años de lucha y el reconocimiento de la autenticidad de su compromiso le valieron recibir una invitación oficial de Naciones Unidas para estar presente en aquel evento. Única mujer de la clase trabajadora que participó activamente en la Tribuna en representación de Bolivia, sus intervenciones produjeron un profundo impacto entre los presentes. Eso se debió, en gran parte, a que “Domitila vivió lo que otras hablaron”, según el comentario de una periodista sueca. (tradução livre).

³ La historia que voy a relatar, no quiero en ningún momento que la interpreten solamente como um problema personal. Porque pienso que mi vida está relacionada con mi Pueblo. Lo que me pasó a mí, le puede haber pasado a cientos de personas en mi país. (tradução livre)

foram nos disseram que o espetáculo era anti comunista e que a COMIBOL havia pago a viagem. (VIEZZER, 1999, p. 81)⁴

O trabalho está pautado em teorias pós-coloniais tendo como base teórica os estudos do argentino Walter Mignolo com a obra *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar* (2003) de outros teóricos que partilham desse olhar epistêmico descolonial a exemplo Boaventura de Sousa Santos com a obra *Epistemologias do Sul* (2010), Edgar César Nolasco com a obra *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013), entre outros.

Meu local: um lócus fronteiriço

Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente.

HEIDEGGER (apud NOLASCO, 2010, p. 103).

Acredito que começar a falar sobre fronteira seja essencial para iniciar esse trabalho. Digo isso, pois esse trabalho nasce de uma fronteira geográfica e epistemológica. Uma fronteira geográfica, pois nasce no estado de Mato Grosso do Sul, tríplice fronteira com os países Paraguai e Bolívia. Meu discurso também é epistêmico, pois se dá a partir de um pensamento fronteiriço, por estar assentado em teorias pós-coloniais que me auxiliam em discussões que ultrapassam a noção de fronteira criada pelo imaginário moderno. Segundo o argentino Walter Mignolo na esteira do que diz a chicana Gloria Anzaldúa, no texto “Postoccidentalismo: el argumento desde América latina” o argentino sobre epistemologia fronteiriça afirma que:

[...] epistemologia fronteiriça na qual a reflexão (filosófica, literária, ensaística), incorporada nas histórias locais, encontra seu lugar no conhecimento desincorporado dos projetos globais em ciências sociais. (MIGNOLO, 1998, p. 44)⁵

Dessa maneira Domitila, assim como eu, também fala de um lugar desvinculado aos projetos globais, ela fala de um lócus singular, a Bolívia, que “[...]”

⁴ Me acuerdo que en el 63 los dirigentes se enfrentaron a una de esas medidas del gobierno. La COMIBOL decía que no tenía plata para mandar medicamentos al hospital. Y había entonces una epidemia terrible de gripe, de diarreas, de todo. No había medicina para los niños. Y resulta que la COMIBOL contrato en esos mismos días a un grupo de artistas internacionales²⁹ donde había japoneses, norteamericanos, africanos, etcétera, que dieron espectáculos en las minas. Las personas que fueron a ver me contaron que eran actuaciones de tipo anticomunista, y que la COMIBOL les había pagado su viaje. (tradução minha)

⁵ [...] epistemología fronteriza en la cual la reflexión (filosófica, literaria, ensayística), incorporada a las historias locales, encuentra su lugar en el conocimiento desincorporado de los diseños globales en ciencias sociales. (tradução livre)

está situada no cone sul, no coração da América do Sul” (VIEZZER, 1999, p. 17)⁶. Nossas reflexões filosóficas, culturais e literárias, como nos diz Mignolo, estão incorporadas em nossas experiências e histórias locais. Desse lugar narrou suas experiências e as do povo mineiro boliviano, que até os dias de hoje, assim como seu país, é um testemunho que continua na margem e com pouca visibilidade. Um país que continua visto como um lugar pobre economicamente, culturalmente e intelectualmente. Essa premissa se dá por continuarmos a aprender teorias eurocêntricas e a ignorar que no lado Sul também há produção de conhecimento:

Derrotado várias vezes em guerras com seus vizinhos, fragmentado étnica, social, econômica e geograficamente, dona de pobreza radical na já tão desigual região América Latina e de economia atrasada, evidenciando uma instabilidade política nada invejável [...]. (DOMINGUES *et al.*, 2009, p. 07)

Segundo o crítico argentino Walter Mignolo na obra *Histórias locais/ projetos globais* (2003) no século 16 a noção de fronteira estava ligada à divisão de fronteiras geográficas e humanas, acreditava-se que o que estava em posição oposta ao continente europeu, ora desconhecido, era habitado por criaturas monstruosas de duas cabeças e vários braços. Com a expansão territorial dos limites conhecidos, abriu-se a possibilidade para as novas interações entre os povos. Assim, “os canibais e selvagens foram situados num espaço que começou a ser concebido como Novo Mundo” (MIGNOLO, 2003, p. 383). No final do século 19 os Estados Unidos e a Argentina acreditavam que:

A “fronteira” era o marco móvel (em direção ao Oeste) da marcha da missão civilizadora, a linha divisória entre a civilização e a barbárie. Entretanto, a ‘fronteira’ não era apenas geograficamente, mas também epistemológica: o local do primitivo e do bárbaro da ‘terra vazia’, do ponto de vista da economia, e o ‘espaço vazio do pensamento, da teoria e da produção intelectual. (MIGNOLO, 2003, p. 403)

Esse conceito de fronteira, segundo Mignolo, está ligado a uma lógica de espaço, em que a crença era que havia uma divisão entre civilização e barbárie. A civilização acabava onde a barbárie começava, e esse espaço bárbaro deveria ser conquistado. Glória Anzaldúa em seu livro *Borderlands / la frontera: la nueva mestiza* (2007), afirma que a fronteira é uma linha fina capaz de dividir uma borda íngreme, além de dizer que:

As fronteiras são desenhadas para definir os lugares que são seguros e os que não são, para distinguir o *us* (nós) do *them* (eles). Uma fronteira é uma linha divisória, uma linha fina ao longo de uma borda íngreme. Um território fronteiriço é um lugar vago e indefinido [...] (ANZALDÚA, 2007, p. 42)⁷

⁶ [...] está situada en el cono sur, en el corazón de Sudamérica” (tradução livre).

⁷ Las fronteras están diseñadas para definir los lugares que son seguros y los que no son, para distinguir el *us* (nosotros) del *them* (ellos). Una frontera es una línea divisoria, una fina raya a lo largo

Para a chicana esse lugar “vago” está em constante transição, vivendo ali os chamados *atravessados*, os que estão distantes de ser os chamados “normais”. Aqueles que detêm o poder e os aliados a eles são os únicos considerados legítimos. As tensões que ocorrem nas zonas de fronteira segundo Anzaldúa (2007) são como um vírus, uma presença constante de mal-estar e morte. Em minha fronteira os *atravessados* são os bolivianos, os paraguaios, os chamados brasiguaios, indígenas e tantos outros que atravessam constantemente nossas fronteiras. Da mesma maneira, o relato de Domitila Chungara pretendeu atingir um lugar dentro de sua própria produção, a boliviana ansiava que a obra e as análises realizadas sobre a realidade de seu povo voltasse para o próprio povo boliviano. Somente assim seria possível detectar os pontos positivos e negativos de sua sociedade, a fim de corrigi-los:

Si me permiten hablar... tem de servir ao povo porque está retornando ao próprio seio do povo. Da mesma forma eu penso que os filmes, documentos, estudos que se fazem sobre a realidade do povo boliviano, devem retornar ao seio do próprio povo boliviano para ser analisadas, criticadas. Porque senão, seguimos igual e não há um aporte que nos ajude a compreender melhor nossa realidade e a solucionar nossos problemas. São muito poucos, são contados os trabalhos que têm servido para isso. (VIEZZER, 1999, p. 09)⁸

Domitila de Chungara descreve seu *biolocus* de sujeito que vive em uma margem social, econômica e social, não apenas narrando sua história, mas de que modo suas experiências fazem parte da história local de seu povo. A boliviana diz que fará um recorte dessas experiências do povo boliviano e contará apenas as dos trabalhadores mineiros, se o fato de Domitila por opção não ter contemplado a todos os bolivianos que vivem marginalizados em seu testemunho, ela justifica dizendo que fala do que viveu e do que seus próximos viveram e sofreram, assim falando de um locus específico, os acampamentos mineiros, a partir de suas próprias vivências:

Me fizeram notar que em meu testemunho não menciono, por exemplo, aos bairros marginalizados. É certo que eu desconheço muita realidade de nosso país. Imagino as vezes qual deve ser a situação dos bairros marginalizados. Mas, não, eu não tenho vivido com eles. Sei que sua situação é mais arruinada que a nossa, os mineiros e então penso: se os mineiros vivem em tão baixas condições de vida... O que será da situação dos camponeses, dos bairros marginalizados e toda essa gente que não tenho chegado a conhecer? [...] eu não tenho mencionado alguns grupos, porque eu não os conheço. Que

de un borde empinado. Un territorio fronterizo es un lugar vago e indefinido [...]. (tradução livre)

⁸ *Si me permiten hablar... ha de servir al pueblo porque está regresando al seno mismo del pueblo. En la misma forma yo pienso que las películas, documentos, estudios que se hacen sobre la realidad del pueblo boliviano, deben regresar también al seno mismo del pueblo boliviano para ser analizadas, criticadas. Porque si no, seguimos igual y no hay un aporte que nos ayude a comprender mejor nuestra realidad y a solucionar nuestros problemas. Son muy pocos, son contados los trabajos que han servido a esto. (tradução livre)*

poderia eu dizer daquele bairro marginalizado, daquela senhora camponesa se eu não os conheço? Eu não quero falar apenas teoricamente. Quero conhecê-los. (VIEZZER, 1999, p. 06)⁹

A condição de fronteira geográfica seja ela por pontes, linhas imaginárias ou muros, parece ter a função de distanciar fisicamente pessoas e espaços, esse distanciamento acaba nos afetando, uma vez que somos condicionados a pensar que o lado oposto é o ser estrangeiro, o outro, o desconhecido que deve ser evitado. Mesmo que a fronteira imponha limite físico, sua divisão está mais próxima de um imaginário imposto ideologicamente, mas apesar de uma imposição de distanciamento e separação não é capaz de impedir o contato rotineiro entre os sujeitos dos dois lados da fronteira. Apesar da tentativa de distanciamento o que vemos é uma fronteira porosa que rompe com os limites impostos, os sujeitos transitam entre o “fora” e o “dentro”:

As fronteiras separam, unem, delimitam, marcam a diferença e a semelhança, mas também produzem espaços intersticiais, novos espaços que inauguram relações. Podem ser burladas, acatadas, cruzadas, transgredidas, imaginadas, reais, reintentadas e destruídas. Confinam e liberam. Protegem e torturam. (BELAUSTEGUIGOITIA, 2009, p. 106)¹⁰

Nessa tríplice fronteira, onde se liga e interliga um lugar com o outro em um crescente, surge a necessidade de uma nova epistemologia, a “epistemologia *fronteriza* que dê conta de descolonizar” (NOLASCO, 2013, p. 44) de compreender e atender a construção cultural dos sujeitos fronteiriços. A fronteira aqui discutida não é existente, ela foi construída a partir de um ato ideológico e de construção de pensamento. Nossas fronteiras não impossibilitam nossas trocas de experiências, novas vidas, novas línguas e costumes.

Falo de epistemologia, mas o que é essa epistemologia? “Toda noção ou ideia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 09). Esse conhecimento está diretamente relacionado a práticas sociais e atores sociais, essa relação faz com que desenvolva

⁹ Me hicieran notar que en mi testimonio yo no menciono, por ejemplo, a los barrios marginalizados. Es cierto que yo desconozco mucha realidad de nuestro país. Me imagino a veces cuál debe ser la situación de los barrios marginados. Pero en sí, no, yo no he vivido con ellos. Sé que su situación es mucho más arruinada que la de nosotros, los mineros y entonces pienso: si los mineros viven en tan bajas condiciones de vida... ¿qué será la situación de los campesinos, de los barrios marginalizados y toda esa gente que no he llegado a conocer? [...] yo no haya mencionado a algunos grupos, porque yo no los conozco. ¿Qué podría yo decir de aquel barrio marginalizado, de aquella compañera campesina se no los conozco? Yo no quiero hablar sólo teóricamente. Quiero conocerlos.(tradução livre)

¹⁰ Las fronteras separan, unen, delimitan, marcan la diferencia y la similitud, pero también producen espacios intersticiales, nuevos espacios que inauguran relaciones. Pueden ser burladas, acatadas, cruzadas, transgredidas, imaginadas, reales, reinventadas y destruidas. Confinan y liberan. Protegen y torturan. (tradução livre)

diferentes epistemologias. Mas, o conhecimento ou a epistemologia válida está sempre relacionado a uma dominação e poder. Essas relações sociais são sempre culturais e políticas, este último não representa uma distribuição igual de poder. Dessa maneira, o conhecimento é válido a partir de uma contextualidade, seja ela em termos da diferença cultural ou política. Segundo Boaventura de Sousa Santos, a epistemologia dominante nasce de um pensamento abissal, que se constrói da necessidade de dominação colonial:

Esse pensamento opera pela definição unilateral de linhas que dividem as experiências, os saberes e os actores sociais entre os que são úteis, inteligíveis e visíveis (os que ficam do lado de cá da linha) e os que são inúteis ou perigosos [...] (SANTOS; MENESES, 2010, p. 13)

É abissal, pois é construído um sistema que divide o mundo em visível e invisível, o lado visível é o “lado de cá da linha”, enquanto o lado invisível é o “outro lado da linha”, na divisão construída o outro lado desaparece há um divisor de sujeitos, de experiências e de saberes, os elementos úteis para aquela sociedade é colocado do lado de cá da linha, e o que está no campo da inutilidade é posto do lado de lá da linha. Essa prática de um pensamento abissal segundo o autor continua em vigor nos dias de hoje:

A divisão é tanta que o outro lado da linha desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é produzido como inexistente. Inexistente significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível. (SANTOS, 2010, p. 23)

A grande marca do pensamento abissal é a inviabilidade de uma co-presença, um dos lados da linha só sobressai quando o lado de lá é dado como inexistente. “Cada um cria um subsistema de distinções visíveis e invisíveis de tal forma que os invisíveis se tornam o fundamento das visíveis” (SANTOS, 2010, p. 25). O “outro” é uma invenção discursiva para que o lado de cá da linha tenha a quem dominar. Poderia dizer que essas epistemologias dominantes durante anos praticaram e continuam praticando o ato de epistemicídios, ou seja, aquele que aliene e exclui os conhecimentos locais:

Nisso constituiu o epistemicídio, ou seja, a supressão dos conhecimentos locais perpetrada por um conhecimento alienígena [...] com isso desperdiçou-se muita experiência social e reduziu-se a diversidade epistemológica, cultural e política do mundo. (SANTOS, 2010, p. 10)

Nós, enquanto sujeitos subalternos que vivemos do lado sul, somos vítimas constantes do ato de epistemicídio, suprimem nossos conhecimentos locais e reduziram nossas epistemologias, alienam e excluem tudo o que acontece no lado sul do globo. Os conhecimentos opostos ao conhecimento da ciência moderna

são irrelevantes “[...] existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objetos ou matéria-prima para inquirição científica” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 25). Tal comparação cai como uma luva na passagem a seguir:

E uma senhora, que era presidente de uma delegação mexicana, se aproximou de mim. Ela queria me aplicar de sua maneira o lema da Tribuna do Ano Internacional da Mulher que era “igualdade, desenvolvimento e paz”. E me dizia:- Falaremos de nós, senhoras... Nós somos mulheres. Olhe, senhora, esqueça-se do sofrimento de seu povo. Por um momento esqueça-se dos massacres. Já temos falado bastante sobre isso. Já lhe escutamos bastante. Falaremos de nós... de você e de mim... das mulheres, pois. (VIEZZER, 1999, p. 225)¹¹

Tentaram calar Domitila, calar a boliviana seria o mesmo que excluir e ignorar o discurso subalterno. A Tribuna, lugar onde estavam reunidas mulheres de todas as partes do mundo a fim de discutir seus problemas de gênero, que por sua vez estão intrinsecamente associados a seus problemas sociais, parecia excluir os problemas das mulheres vinculados com seu povo. Tornava-se assim um lugar perfeito para demonstrar que as epistemologias, os conhecimentos e os saberes do mundo acadêmico, social e cultural ainda imperavam e continua a imperar.

Nosso desafio é tanto geográfico quanto epistêmico, somos uma mina e um campo de reparação de desvios históricos que foram causados pelo capitalismo. Meu Sul, já que eu mesma vivo em posição de sujeito sul, transforma-se em um lugar de conhecimento e experiências, o Sul era lugar que deveria ser preenchido com as experiências da razão colonial. Todas as ações realizadas no lado de cá da linha eram ignorados por não serem vistos como significantes na sociedade. Diante essas divisões, a importância do pensamento fronteiriço proposto por Mignolo se dá, pois o pensar “na e a partir das margens” (MIGNOLO, 2003, p. 31), age como uma “[...] máquina para descolonização intelectual e, portanto, para a descolonização política e econômica” (MIGNOLO, 2003, p. 76), é ele quem possibilita o reconhecimento da diferença colonial, promovendo assim um discurso polifônico e não excludente, com características universalmente marginais, dando espaço para histórias, línguas e culturas que antes estavam silenciadas.

Partindo de um pensamento fronteiriço pautado nos estudos do argentino Walter Mignolo, respondendo epistemologicamente por meio de um pensamento subalterno os projetos advindos da modernidade, não estou rejeitando a moderni-

¹¹ Y una señora, que era a presidente de una delegación mexicana, se acercó a mí. Ella quería aplicarme a su manera el lema de la Tribuna del Año Internacional de a Lujer que era “Igualdad, desarrollo y paz”. Y me decía:-Hablaemos de nosotras, señora... Nosotras somos mujer. Mire, señora, olvídense usted de sufrimento de su Pueblo. Por un momento, olvídense de las massacres. Ya hemos hablado bastante de esto. Y ala hemos escuchado bastante. Hablaemos de nosotras... de usted y de mí... de la mujer, pues. (tradução livre).

dade, estou por meio dessa discussão redefinindo o pensamento moderno “rumo a uma luta de libertação descolonial em prol de um mundo capaz de superar a modernidade eurocentrada” (GROSFOGUEL, 2010, p. 407).

Considerações finais

Como apresentado no decorrer do trabalho **é necessário que se exerça** as práticas teóricas subalternas que surgem da borda, da margem, da fronteira, que possibilitam o barrar das histórias, as teorias e as críticas que hoje caracterizam as práticas acadêmicas cristalizadas. De nossa fronteira Sul, precisamos repensar e reconceitualizar nossos discursos para que nossas histórias locais que emergem da fronteira tornam-se reflexão crítica a partir desse lócus.

A história de Domitila Chungara, assim como a minha, é uma história local. Nossas histórias nascem de experiências e conhecimentos advindos da heterogeneidade presente na América Latina, que leva em conta os diversos contextos presentes nos entre-lugares. Essas histórias locais não podem e não devem ser excluídas pelas histórias globais, que querem impor uma história universal em que a versão do colonizador sempre é a oficial.

Referências

- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/la frontera: the new mestiza*. São Francisco: Aunt Lute Books, 2007.
- DOMINGOS, José Maurício *et al.* (Orgs). *A Bolívia no espelho do futuro*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2009.
- MIGNOLO, Walter D. *Histórias Locais/Projetos Globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MIGNOLO, Walter. “Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina”. In: CASTRO-GOMEZ, Santiago; MENDIETA, Eduardo (Orgs.) *Teorías sin disciplina* (latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización em debate). México: Miguel Angel Porrúa, 1998.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008.
- NOLASCO, Edgar César. *babelocal: lugares das miúdas culturais*. Campo Grande: Life Editora, 2010.
- NOLASCO, Edgar César. Exterioridade dos Saberes. *Cadernos de Estudos Culturais: NECC 10 anos*, Campo Grande, v. 2, p. 75-100, 2018.
- NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.
- PESSANHA, Juliano Garcia. *Recusa do não lugar*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SZURMUK, Mónica; IRWIN, Robert I. (Col.). *Diccionario de estudios culturales latino-americanos*. México: Siglo XXI Editores; Instituto Mora, 2009.

VIEZZER, Moema. *Si me permiten hablar*. México: Siglo XX, 1999.